

miscelânea feminina

Uma moda irlandesa—Uma princesa e um imperador que vão no conto do vigário—O dever cumprido à custa do coração despedaçado.

A GORA é a Irlanda que dá sinal de si. A terra do S. Patrick, a terra dos esmifinners que, com de Valera à frente, travou com a poderosa Albion a mais cruenta e mais audaz de todas as guerras movidas pelo patriotismo, neste século de grandes concepções, a Irlanda propõe-se neste momento a efectuar uma grande revolução no campo das modas e das elegancias, dispensando um dos queridos e apreciados ornamentos da indumentaria feminina, que sobremaneira exaltam a imaginação dos homens: a meia.

Pois é assim mesmo. As elegantes irlandesas

tal qual sucede com o fulgor de um brilhante ressaltando de um fundo de veludo negro ou de um seio estonteante de mulher.

Sejamos praticos. Quem perde com o negocio é a industria que não a moral. Os fabricantes de meias e que tem de se queixar, se acaso a moda péga, e não os moralistas. E se estes, por vezes, ou quasi sempre se tornam desagradáveis ao bello sexo, aqueles sabem-no explorar às mil maravilhas. Se, para algumas mulheres, meia duzia de pares de meias de alto preço representam uma ninharia, outras ha para quem um unico par bem conservado e atrevido constitue uma preocupação de todos os dias e de todas as horas. Mas se a moda se propaga, como este mundo é feito de contrasensos, veremos que são as primeiras a adoptar a perna nua e as ultimas a mostrarem uma relutancia quasi invencivel à nova moda.

Tambem, se assim não fosse, o caso não tinha graça nenhuma.

TODOS nós, quando percorremos o noticiário dos jornais diários, se nos depara com um caso de vigiarice em que um bom provinciano fica à dependura por ter, na sua boa fé, passado para as mãos de um famigerado gatinho, ladrão e esperto, a carteira do relógio e a corrente, em troca de um maço de sebetos papéis velhos, todos nós, somos de uma grande crueza para com o pobre vigiarizado e percorremos a escala dos adjectivos perjurativos—estupido, parvo, alarme, burro—para exprimirmos a nossa ironia ou a nossa indignação contra a pobre vítima do bem ardido trama. Mas todos començamos palha a questão é saberem-lha dar, diz um velho rifão e a atestar a verdade nele contido está a interminavel legião de milhares e milhares de pessoas burladas, desde que o mundo é mundo. E não se diga que qualquer de nós tem a sufficiente experiencia para não ir nesse conto. Todos, todos absolutamente citem, a questão é do meio, da forma, do engodo com que a armadilha é preparada.

Depois deste entrecho e para provar a asserção feita, que a alguns arrojada poderá parecer, sejamos licito colocar: deante dos olhos dos incredulos a pessoa do sr. Schappeler, ex-director dos correios da Austria que conseguiu fundar um sociedade para a exploração dos seus pretendidos inventos entre os quaes figuravam uma maquina destinada a recolher a electricidade do solo e sub-solo e outras invenções não menos attractivas.

Schappeler propunha-se ainda com a exploração dos seus inventos nada mais nada menos do que effectuar a restauração monarchica da Alemanha, engodo com que ludibrios o proprio ex-kaiser Guilherme II, cuja avariza é de sobejo conhecida e sua esposa actual, a princesa Herminia, tão forrêta como o seu ex-imperial consorte. Para a peregrina empreza subscreveram o exilado de Doorn e sua morganatica esposa, a conselho desta, claro está, com o melhor de um milhão de marcos ouro, divididos em partes eguaes, entregando, por conta, ao decaente Schappeler 6000 marcos-ouro.

Como o tempo passasse e o Schappeler não desse sinal dos seus inventos, os subscritores houvaram por bem entregar os planos em questão a um professor de Viena, para que sobre eles se pronunciasse. O homem de sciencia pouco tempo levou a declarar que esses planos transcendentes pouco mais valiam do que a ponta do cigarro, depois de apagado e que, por isso, a empreza «to-o-o-o» apenas se baseava na exagerada boa fé dos ludibriados acionistas.

Em abono da expertesa de Schappeler devemos dizer que este se puzera em fuga em boa altura e em que os seus credores entre os quaes figuram Guilherme II e sua esposa, ficaram consternados com a partida. Estes com mais razão de que os outros, porquanto não foi só o seu rico dinheirinho que o «inventor» lhes levou mas com ele mais uma esperança da reconquista do trono dos Hohenrollern. Ora nessa reconquista contra o que seria natural, a princesa ainda anda mais empenhada do que o soberano destronado.

E nem sempre o que a mulher quer; Deus o quer tambem... pelo visto.

DEPOIS da tragédia o drama. Ha pouco, tratamos de uma telefonista que sacrificou a vida à salvação de centenas de vidas ameaçadas por terrivel catastrophe e hoje, tratamos de uma outra telefonista a quem uma alta noção do cumprimento do seu dever obrigou a sacrificar um paiz adorador.

Na estação telefonica de Dixon, no Estado de Illinois, estava de serviço a telefonista Rilla Webster, quando, a determinada altura, o departamento de policia local lhe pediu ligação para Chicago e eis ouvis, como já ouvira nessa noite dezenas de conversas sobre variadas futilidades, inquirir:

—Está lá? É a repartição de policia de Chicago?

—Exacto: quem fala?

—Po-licia de Dixon...

—Então que há?

—Já temos a certeza de que o nosso homem envenenou a mulher...



—Qual homem?...

—O dr. Webster...

—Ah! Sim...

—Um agente que tomou o primeiro comboio da manhã (o dr. Webster morava a dias horas de Chicago) e que o vê prender... Está combinado?...

—Perfeitamente.

E a conversa terminou neste ponto.

O dr. Webster era nem mais nem menos do que o paiz da telefonista. Ao supreender a terrivel conversa de tudo a rapariga ficou aliçada. As chamadas sucediam-se e ela atônita olhava para o quadro colocado na sua frente sem prestar atenção ao que se passava. De repente teve um sobresalto. Meteu uma ficha no cecilo e preguntou:

—Chicago?

—Sim, Chicago que deseja?

—Ligue-me com... Nada não ligue... é enganoso...

A noção do seu dever, do seu lugar, surgia-lhe como um espectro terrivel. Sim, a assassina, a madrastra, tivera para comido todas as crueldades. Em jogo estava a liberdade, talvez a vida de seu paiz, sempre tão bom para ela! Se o prevenisse do perigo que o ameaçava, na fuga encontraria a salvação. Mas para o avisar,

(Continuação na pagina 22)



dispem-se a calçar apenas o pé com mais ou menos requintes de «coquetierie», deixando as pernas nuas. O caso tem provocado o alarme dos moralistas de Dublin, dos quaes, os mais avançados—no caso presente os mais avançados são os mais recuados—chegam a ver na nova moda um poderoso factor da dissolução de costumes, uma violenta machadada vibrada na D. Moralidade e no bom senso social.

Ora a despeito de Victor Hugo ter escrito que a «mulher nua é a mulher armada», permitimo-nos discordar do mestre eminente e zombar dos receios apregoados pelos moralistas da verde Erin. Por muito belos que sejam os encantos de uma mulher, os encantos que a imaginação dos homens lhes atribue são sempre muito superiores. Velar esses encantos, deixando-os perceber, revelar ou adivinhar, estimulando em alto grau a nossa imaginação, eis em que consiste o segredo da beleza feminina triunfante. Desas criou a mulher nua e foi Satua quem lhe deu a primeira arma de «coquetierie», ao fornecer-lhe a classica folha de figueira. A propria beleza de Phiné resulta mais estonteante do tenue veu que a enquadra. Assim, tambem, a perna nua apresenta-nos defeitos, pêlos, manchas, côr, veias, nervos salientes, etc; envolvida numa meia de seda, leve e transparente, esses defeitos atenuam-se, dissipam-se e a forma realça,

Miscelanea Feminina

(Continuação da pag. 19)

para que ele fugisse, teria de se aproveitar de um segredo que as circunstancias lhe forneciam e que a natureza da sua profissão obrigava a calar. Trair esse segredo seria infamar-se. Não, o destino tão cruel, como em antigos tempos a madrasta fôra, puzera-a à prova e da prova iria sair triunfante, embora com o coração sempre despedaçado...

O medico foi preso na manhã seguinte e a filha...

A filha nunca mais quíz fazer ligações telefônicas. Nessa mesma manhã, apresentou a demissão, abandonando logo o seu lugar.

SAUL TOPASBA